

Fátima desagravada



NÃO sei quem é João Ilharco. Verdadeiro nome de gente ou criptónimo a acobertar-lhe o rosto, o que importa é que o panfleto que pomposamente rotulou de Fátima desmascarada só uma coisa desmascarada, à luz do simples bom-senso: com um facciosismo incomensurável, uma falta hoje inacreditável de cultura. Quem julgaria possível que apparecesse um abencerragem dos velhos racionalistas do século passado, a tomar a sério as explicações mais ridículas, como a de que as aparições de 1917, na Cova da Iria, não passaram duma farsa, em que até alguém se ocultaria nas ramalhas da azinheira, a falar de falsete. Onde tem João Ilharco a prova? Em que documento do tempo encontra sequer uma fenda para meter o bedelho da sua fantasia delirante? Terá ao menos o sentido do ridículo em que incorre?

Para mais, mostra ignorar tudo sobre psicologia dos místicos, de que tanto se tem escrito, sobretudo de Bergson para cá. Para ele, na sua decrepitude de jacobino ignaro, tudo isso se reduz a taras, manias, histeria. Só desconhece ou cala que ninguém apanhou as três crianças numa contradição. E apertaram-nas com as questões mais cavilosas, gente culta e que não ia nada caída em crer. Lúcia, desde então até hoje, sempre mostrou um forte realismo popular, uma saúde maciça de corpo e alma, que exclui qualquer espécie de fenómeno patológico. Ouviram-na homens eminentes, professores universitários com sólida obra científica. João Ilharco, que provavelmente não é especialista de nada, nunca viu Lúcia a não ser em retrato, conclui inapelavelmente que não passa de «mitómana»! Saberá ao menos o que está a dizer, o sentido exacto das palavras que emprega?

Caluniar para ele, mesmo os mortos, não tem a mínima importância. Veja-se que a figura veneranda de Dom José Correia da Silva, tão prudente e comedido em tudo, mal passa dum prestidigitador, que de antemão levava na manga, ao ser feito Bispo de Leiria, a tremenda ilusão de Fátima

Mas o mais espantoso é que as fantasias desmioladas deste senhor apparecem no exacto momento em que alguns dos maiores teólogos da actualidade (como pode ver-se pelo capítulo dedicado à mariologia, no compacto II volume do Bilan de la théologie du XXème. siècle) consideram Fátima uma das mariofancias mais importantes e ricas da história cristã.

Era ao menos de esperar que João Ilharco estudasse minuciosamente a história das aparições, que a sério lesse os seus cronistas mais seguros, do alemão Fischer ao português Gonzaga da Fonseca, respeitado no mundo inteiro pelos seus estudos sobre o prólogo do Evangelho de S. João. E que, a partir de lá e dos documentos autênticos, discutisse e negasse. Qual? Agarrou-se mas foi às

fantasias desçabeladas do seu fanatismo anti-religioso e largou à desfilada. Consegue o inacreditável de se meter a ridículo a si próprio e, à custa de pretender provar que tudo é mentira, alcança a convencer que, de princípio a fim, fabrica só mentiras irrisórias. Não há dúvida: Fátima saiu da sua pena bem vingada. Depois do livreco de Alfaric, que não se sabe quem teve o pouco senso de traduzir coisa tão insignificante, esta in-

por NEVES DE CASTRO

sónia de João Ilharco teve ao menos um mérito inestimável: pretendendo rebaixar Fátima, conseguir que até os indiferentes passem a considerá-la, diante de ataques tão baixos, moral e culturalmente.

Um dos maiores mariologistas peninsulares — o Prof. Doutor Joaquim Maria Alonso — já, nas Novidades, lhe deu a lição que o seu atrevimento merece, mostrando que Fátima Desmascarada só desacredita o seu autor, de tão supina ignorância, em história, em psicologia e em teologia, as suas páginas dão abundante mostra. Depois desta tremenda humilhação dada pelo maior especialista vivo da mensagem de Fátima, João Ilharco, se tivesse vergonha, queimava todos os exemplares do folheto, para que os seus netos, um dia, não possam zombar dele.